
Contos nada de fadas: a força do imaginário nas traduções comunicativas de narrativas literárias e jornalísticas na formação do público leitor¹

Fernanda Sevarolli Creston FARIA²

Marco Aurélio REIS³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Busca-se identificar conexões entre as narrativas dos contos de fadas e narrativas jornalísticas de diferentes épocas. Com pesquisa ainda em andamento, foca-se nos contos de Charles Perrault (1697) e em adaptações contemporâneas e em narrativas jornalísticas atuais para encontrar espelhamentos e desenvolver estratégias pedagógicas e, oportunamente, compartilhar os achados. Utiliza-se a abordagem metodológica do Estudo de Caso, ancorada em Yin (2015) e, como procedimento metodológico, a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Apoia-se teoricamente em Bourdieu (1998), Foucault (2003), Maffesoli (1985, 1996), Silva (2012) e Hegel (1991). Com essa base e metodologia, identifica-se o conto de fadas como meio de comunicação intergeracional.

Palavras-chave: Comunicação; Narrativas; Imaginário; Passado; Presente.

Introdução

Se a notícia é um fato, por que os fatos do imaginário
não podem ter sua origem no real?
(Kistemann, 2024)

Este estudo foi originalmente apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de forma *online* em agosto de 2024, sendo revisto e ampliado após as discussões realizadas naquela ocasião. O texto apresenta a pesquisa em andamento que busca identificar caminhos comunicacionais em dois gêneros textuais distintos: os contos de fadas e os textos jornalísticos. Ambos apresentam tipologia textual narrativa e possibilidade de espelhamentos, os quais direcionam o presente estudo.

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de doutorado do PPGCOM- UFJF, e-mail: fernandasevarolli@gmail.com.

³ Professor do PPGCOM – UFJF, e-mail: marco.reis@ufjf.br.

A pesquisa vem sendo desenvolvida junto ao curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e faz parte do Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias, cadastrado no Diretório do CNPq e baseia-se na mescla do tempo e sua alternância, não de forma linear, para promover as comparações esperadas entre as narrativas mencionadas.

Leva-se em consideração as situações apresentadas nos contos para a busca de espelhamentos nas narrativas jornalísticas ou vice-versa, pois os achados influenciarão as decisões a serem tomadas no decorrer das análises e das futuras escolhas. Além da questão do tempo, o estudo se preocupa com a mudança social como direcionamento comunicacional ao remeter alterações em diversas formas de textos e leituras no meio literário e no meio jornalístico.

A comparação proposta contribui para uma melhor compreensão dos contos e ressalta o valor pedagógico que lhes é atribuído. Dessa forma, investigar como utilizar a comparação entre gêneros pode enriquecer a formação cultural, educativa e imaginativa dos estudantes em sala de aula, independentemente da faixa etária, apresentando-se como uma oportunidade de, por meio da pesquisa, comprovar o poder comunicativo das narrativas e sua eficácia enquanto agente pedagógico no aprimoramento do leitor.

Teoricamente, aborda-se os estudos culturais e sociológicos para compreender como as narrativas fazem parte da sociedade e são importantes para a evolução dela e do indivíduo. Ao explorar os vieses sociais e situações que demandam maior embasamento e teorias próprias de determinadas áreas do conhecimento, espera-se evidenciar a importância das narrativas dos gêneros escolhidos como importantes objetos pertinentes à formação do leitor e de opinião.

Para consolidar a pesquisa em âmbito teórico, primeiramente, é preciso compreender as teorias do imaginário e suas representações sob a ótica de Durand (2002), Maffesoli (1996,1988), Silva (2012) e Erving Goffman (1985), os quais permitem a este estudo uma investigar entre imaginário e realidade.

Utiliza-se Bourdieu (1998) para adentrar ao mundo do imaginário com sua colaboração no que tange ao simbólico, elemento pelo qual se compreende metáforas diversas presentes nos contos de fadas e no mundo real. Tal autor explana o simbólico de modo a mobilizar real e imaginário sem a necessidade de materializar todas as menções

simbólicas presentes em ambas as narrativas, já que o simbólico se encarrega de representações presentes em todas as ações humanas desde sempre.

Também são utilizadas as teorias de Foucault (2003) que contribuem para entender a relação simbólica estabelecida entre os que possuem o poder de controle e os controlados. Tal relação de poder define campos de disputa existentes e compreensíveis pela aceitação de um universo simbólico que evidencia e permite o poder dentro e fora da literatura.

No próximo tópico, amplia-se as referências teóricas para uma melhor compreensão da pesquisa e das comparações propostas.

Referencial teórico

1º Teorizando: Conto de fadas e teorias sociais

Há um mundo infinito no imaginário que anseia por palavras de histórias que já ouvi e que coincidem com as minhas histórias.
(Kistemann, 2024)⁴

A relação dos contos de fadas com aspectos éticos e morais é uma realidade desde sua coleta por autores como Charles Perrault na França, os Irmãos Grimm na Alemanha e muitos outros. Os contos foram utilizados, ainda na tradição oral e antes de sua coleta pelos referidos autores, como forma de conselho, advertência e exemplo para aqueles que os ouviam.

Tal audição era uma forma de passar alguma informação importante sobre perigos ou mazelas que poderiam acometer o indivíduo caso ele não concordasse com o conselho dado. Assim, compreender o papel dos contos de fadas é perceber a moral neles evidenciada em forma de conselho ou advertência que, futuramente, foi amplamente utilizada pela igreja católica através de dogmas mais contundentes e com consequências espirituais punitivas (Hegel, 2001).

Hegel (2001) destaca que a moral funciona como uma forma de as pessoas avaliarem suas atitudes em relação ao próximo, respeitando o que dita igreja católica. Tal moral, instituída de forma repressora pela igreja, também está presente nas narrativas dos contos. Tal moral tem relação íntima com os campos simbólicos propostos por Bourdieu

⁴ Palavras da autora especialmente escritas para este texto. Setembro de 2024.

(1998) quando, inclusive, Hegel a evidencia como parte da regulação católica e a mesma é demonstrada em Foucault também como forma do poder clerical sobre as pessoas.

Portanto, compreende-se aqui um diálogo entre as três teorias e o presente estudo, de modo a estabelecer a potente relação entre o material simbólico proposto por Bourdieu (1998), a moral imposta pela igreja segundo Hegel (2001) e o poder exercido pelo clero e pela nobreza destacado por Foucault (2003).

Estes elementos encontram-se de forma harmoniosa nos contos e são representados pelo poderio da nobreza e da igreja (encarnado no clero), pelo encanto do simbólico no irreal e fantasioso dos contos e demonstrado primorosamente no poder inculcado nos dogmas da igreja através de ritos matrimoniais, batismais e de apadrinhamento.

Diante do exposto, quando um conto de fadas apresenta uma “moral” ao final do texto, espera-se que o que foi lido seja interpretado como uma lei a ser seguida juntamente com a referida moral destacada.

A moral e o elemento simbólico reforçam a esfera de dominação e poder proposta por Foucault (2003), com forte impacto nas relações sociais. Tais relações de poder demonstram simbolicamente os detentores de poder e aqueles que deveriam obedecer ao poder instituído. Ainda hoje as relações de poder são fortemente marcadas na sociedade, evidenciadas por questões de classe, gênero, escolha sexual, entre outros.

Se ainda hoje é observada a pressão das relações de poder fortemente marcadas, em 1697, século XVII, permeado por governos autoritários, classes sociais determinadas pelos extremamente ricos e os extremamente pobres, é possível imaginar o que a moral expressa em um livro ou mesma na tradição oral refletia e o quanto a questão do poder e quem o detinha significava para a sociedade de modo geral.

Para compreender melhor a questão da moral do século XVII, século da publicação dos contos de Perrault, é preciso compreender o obedecer que se engendra na ótica do dever defendido por Hegel (2001) em sua fenomenologia como o DEVER-SER.

Este dever é normativo para a vida do cristão ao viver em sociedade e é apregoadado pela igreja católica, representante do poder no governo junto à nobreza. A igreja é, então, a representante de Deus na Terra. Logo, o deve-ser de que Hegel explicita em sua obra vem das escrituras sagradas e da interpretação que a igreja dá e utiliza para demonstrar seu poder. Ela proíbe o que quer e explicita o que deve existir no meio social ou não, de

forma agressiva e punitiva de acordo com as leis divinas que ela própria, muitas das vezes, cria e/ou interpreta à sua maneira.

Vale destacar a pregação veemente dos dez mandamentos bíblicos como forma ditada por Deus do DEVER-SER (Hegel, 2001), entre outros aparatos simbólicos que a igreja toma para si e repassa como lei para as pessoas e que devem ser obedecidos sem questionamentos ou objeções.

Esta realidade do que deve ou não ser feito reside na esfera do bem e do mal, das virtudes e valores existentes de forma simbólica e que pertencem ao imaginário da realidade humana e dos contos de fadas. Ao colocar bem e mal em combate e refletir o que a igreja dita para que o povo obedeça sem questionar, as narrativas fantasiosas relatam, de alguma forma, o combate contra o pecado, a reprovação à luxúria, o combate à bruxaria, o respeito à família estabelecida como ideal instituído entre os nobres (pai/rei, mãe/rainha, filha/ princesa, etc.), entre outros.

Portanto, refletir sobre as narrativas dos contos de fadas seguem o estabelecido simbolicamente pelo poder instituído da época – clero e nobreza –, correlaciona a moral prescritiva adotada e ditada por Deus e encarnada pela igreja e a realidade vivida pelos nobres, ou melhor dizendo, representada por eles. De certo modo, tal moral atinge também os escritores e seus textos, conforme ocorre com Perrault.

O poder comunicativo representado nas narrativas que povoam os imaginários adulto e infantil (Durand, 2002; Maffesoli, 1996; Silva, 2012) não pertencem apenas ao irreal.

Relaciona-se aos contos e à realidade do século XVII, cuja supremacia era da igreja e da nobreza, refletida nos contos e, portanto, afirmando-se como um espelhamento da realidade. Tal observação permite refletir sobre a ideia de que alguns fatos históricos alimentam o imaginário individual e/ou coletivo e corroboram, de alguma forma, para observar a realidade e interpretá-la com um olhar mais imaginativo. Esse olhar mais imaginativo se expande à medida que o imaginário também se expande criando novas fantasias coletivas ou não.

Do mesmo modo as teorias do imaginário vão se expandindo e compreender que elas fazem parte do dia a dia das pessoas é de suma importância. Bourdieu (1998), ao tratar do simbólico, relativiza a questão do imaginário de várias formas possíveis dentro

da realidade social. A realidade social se dá por representações diversas no cotidiano e essas relações ocorrem neste ambiente de forma muito peculiar.

Quando as pessoas assumem seus papéis dia a dia, elas estão assumindo representações diversas a cada novo amanhecer. Elas acordam como pais, mãe, irmãos, filhos e filhas, trabalham como diretores de empresas, professores, bancários, etc., cultuam seus santos e deuses como adoradores e pastores de suas igrejas, dentre outras muitas representações que vivenciam a cada jornada diária.

Estas representações (e outras tantas) só são possíveis devido à compreensão da simbologia que cerca a humanidade e a compreensão e o respeito dado a elas. Goffman (1985) trata das representações e suas significações no mundo e isso tem fortes implicações em tudo que se realiza. A influência das representações em relação aos papéis ficcionais e rituais é muito importante, pois muitas ficções e ritos são representados em diversas situações da vida cotidiana.

Tais ritos e ficções cercam as pessoas todo o tempo e alguns indivíduos se identificam com eles e vão aprendendo diariamente e, muitas vezes, de forma involuntária. Para Campbell (1993), tais ritos vindos do passado, muito distante, deveriam ser aprendidos de forma clara desde a infância. Contudo, nem sempre ocorre assim e, em alguns casos, eles têm sido perdidos aos poucos por descaso ou esquecimento da maioria das pessoas.

Por isso, pesquisar contos de fadas e jornalismo na mesma linha de ação é uma forma de tratar ficção e realidade de forma comparativa na tentativa de reparar (e resgatar) um lapso formativo do indivíduo, que será aprofundado na pesquisa *a posteriori*.

Este aprofundamento tem o intuito de demonstrar o papel da ficção em contato com mitos e ritos. Mitos de passagem como leitura na infância, leitura em voz alta; leituras permeadas por tradições e mitos de assombração ou magia; ritos de passagem da infância à adolescência, ritos de família, ritos de religião, etc.

A seguir, a relação possível dos dispositivos onde a literatura pode aparecer e ser explorada e a educação.

2º Teorizando: Transmídiação e Educação

Se contar me faz melhor no que conto, eu aprendo com o que eu conto e ensino o que vou contar, contando o que ensino e aprendendo com o que eu escuto nas histórias minhas e

de outrem que vou encontrar.
(Kistemann, 2024)⁵

Analisar e trabalhar com contos de fadas requer um olhar além do literário, já que a maioria dos contos conhecidos apresentam uma moral em seu final. Esta moral pode trazer uma informação, um ensinamento ou uma advertência.

Refletir sobre a moral e seu papel no conto, assim como refletir sobre o conto e seu papel no meio social é um apelo para se buscar conhecer sobre o texto original e as versões dos contos, que o estudo amplo desta pesquisa intenta analisar.

Para esse texto, foi selecionado o conto “Chapeuzinho Vermelho” para melhor destacar o papel deste estudo no âmbito da Comunicação e da Educação.

A versão original do conto apresenta violência extrema na chegada do lobo à casa da avó da jovem Chapeuzinho. Ele se apresenta como se fosse a jovem, entra de súbito e devora ferozmente a senhora, que não tem tempo de perceber quem era.

Quando a moça chega à casa de sua avó, o mesmo acontece a ela após algumas indagações sobre a aparência do lobo, que inutilmente tenta imitar a pobre senhora devorada. São momentos que remetem à morte, estupro e violência extrema, características marcantes na sociedade do século XVII.

Quando se verifica versões atuais do mesmo conto, não se encontra as mesmas narrações violentas e, em alguns casos, autores tentam, inclusive, resgatar a figura maligna do lobo através de situações de ensino e redenção. São tentativas de aproximar as narrativas dos processos de desenvolvimento humano da Sociedade 5.0 e da realidade vivida contemporaneamente.

Tais assertivas sobre o original e a versão são confirmadas a seguir.

A) O original de “Chapeuzinho Vermelho” coletado e publicado por Perrault (1697)⁶

Quando se analisa o original de “Chapeuzinho Vermelho”, percebe-se, segundo a análise feita por Faria (2022), que não existia a personagem do caçador. Perrault queria demonstrar que as atrocidades realizadas pelo lobo (assassinatos e estupros de moças jovens, virgens e caminhando sozinhas na floresta) eram comuns e que as donzelas da

⁵ Palavras da autora especialmente escritas para este texto. Setembro de 2024.

⁶ Para conhecer a versão original, acesse: [https://fr.wikisource.org/wiki/Histoires_ou_Contes_du_temps_pass%C3%A9_\(1697\)/Original/Texte_entier](https://fr.wikisource.org/wiki/Histoires_ou_Contes_du_temps_pass%C3%A9_(1697)/Original/Texte_entier).

corte deveriam evitar passeios em bosques e florestas, sobretudo sozinhas ou aceitar a companhia de estranhos.

O original ainda traz uma representação do mundo real, da sociedade de 1697, cheia de perigos quase urbanos em uma época de transição dos feudos para as cidades.

A Idade Moderna florescia, mas ainda havia muito o que se desenvolver em questão de segurança e sociedade civil. Os assassinatos e estupros são alegorizados no conto através da figura do lobo, que assume o papel de assassino e estuprador.

Perrault não redigiu o conto para crianças, não pensava no indivíduo em situação de infância. O autor buscava agradar a corte francesa e, neste conto, abordou um acontecimento comum da época que, inclusive, era compartilhado entre a plebe através da tradição oral.

Entende-se que ele esperava muito mais do que divertir os leitores e ouvintes. O autor esperava divertir seus leitores e ouvintes e os aconselhar sobre o perigo dos passeios solitários, além de informar sobre a importância de a donzela manter intocada sua honra, que para as jovens mulheres era essencial naquele período, segundo os dogmas da igreja e os preceitos morais instituídos.

B) As versões atuais de “Chapeuzinho Vermelho”

Graças ao advento da transmídiação (Jenkins, 2008) é possível conhecer muitas adaptações deste conto na atualidade. São versões que dialogam com a Sociedade 5.0 no intuito de relacionar a realidade existente com a realidade que se busca para o futuro.

São filmes, *games*, revistas, livros que dialogam com outros livros ou com várias possibilidades de final dentro de um mesmo livro, desenhos animados, entre outros. O diálogo do conto com várias possibilidades e dispositivos representa um ganho importante para os jovens leitores e seu enriquecimento cultural.

Contudo, há que se refletir sobre os dispositivos disponíveis e o trabalho que pode ser feito através deles para que o uso do conto seja bem direcionado.

A ideia da transmídiação gera contatos de uma narrativa com muito material além dela, o que deve ser visto como um processo de transformação da leitura e do aprendizado. Portanto, compreender e utilizar os caminhos possíveis desde os livros às narrativas digitais é uma oportunidade de criar significado e transformar estas iniciativas comunicacionais em aparato na/para a formação leitora, principalmente.

Antes de analisar as novas possibilidades das atuais versões da narrativa de “Chapeuzinho Vermelho”, é preciso ter em mente que existem também as plataformas digitais, as quais englobam desde games a lojas *online* com temas que se ligam dentro de uma mesma história.

Essas e outras plataformas, incluindo intertextualidades entre livros impressos e a narrativa cinematográfica, criam possibilidades de diálogo entre jogadores e/ou estudantes que se envolvem em narrativas periféricas aos textos literários, expandindo o conteúdo para além dos livros. Um exemplo significativo é o livro *Chapeuzinho Amarelo* (1979), de Chico Buarque, uma releitura do conto clássico que, em pleno contexto da ditadura militar no Brasil, traz à tona o medo e a superação, simbolizando, de forma sutil, a resistência e a coragem diante de regimes opressores. Por outro lado, o filme *Deu a Louca na Chapeuzinho* (2005), uma paródia contemporânea da história de Chapeuzinho Vermelho, utiliza o gênero de narrativa investigativa para subverter as noções de culpa e responsabilidade. Essas abordagens tanto no livro quanto no filme incentivam não apenas a leitura, mas também a escrita criativa e o aprendizado lúdico e compartilhado, explorando as nuances das narrativas e suas implicações sociais e culturais.

Essa ampliação de possibilidades de interpretação e reescritura faz com que os estudantes se sintam motivados a interagir com as histórias de maneira crítica, questionando os significados tradicionais e criando novas versões que dialogam com o contexto social atual, que pode ser percebido nos telejornais e nas notícias compartilhadas em redes sociais e na plataforma de vídeos curtos Tik Tok.

Refletindo sobre estas possibilidades criativas e emancipatórias é essencial às direcionar dentro do campo pedagógico, pois elas ampliam o poder comunicativo dos contos de fadas devido ao grande aparato digital disponível na atualidade para ser explorado como forma educativa e formativa. Portanto, vale ressaltar que esta ampliação tem fortes apelos à formação do jovem leitor e deve ser bem orientada no intuito de produzir uma trajetória formativa.

A seguir, relaciona-se os contos de fadas ao mundo das mídias e do jornalismo na luta pela redescoberta da informação como potenciais ferramentas no processo de formação do leitor.

3º Teorizando: Conto de fadas, Comunicação e Educação

As fadas são a ilusão de um contador de histórias
que dormiu olhando para as estrelas e acordou
com a notícia de uma explosão nuclear.
(Kistemann, 2024)⁷

Apesar dos aparatos e dispositivos digitais que incentivam o uso cada vez mais frequente de plataformas digitais, há que se direcionar os esforços para implementar a leitura em direção ao público de escolas de ensino público. Este público, infelizmente, nem sempre conta com escolas bem aparelhadas digitalmente, tão pouco têm acesso digital irrestrito em casa. Para ele, o livro ainda é o dispositivo mais acessível e de melhor e maior alcance.

Portanto, é preciso analisar o impacto que se espera dos livros para esse público precisa e pensá-lo de modo a motivar uma leitura com forte apelo significativo e que alcance esse público. Ao utilizar o livro em sala de aula, existe a necessidade de o aproximar da realidade desse público (Freire, 1974; 1996) com atividades motivantes e desafiadoras que possam ser referenciais de uma formação crítica, leitora e de opinião.

Contudo, o livro por si só não é um atrativo para muitos alunos, o que não é uma novidade no meio acadêmico e escolar e muitos professores observam isso em seu meio de trabalho. Esta é uma barreira que precisa ser transposta de alguma forma.

Por isso, ao refletir sobre o conto de fadas e seu uso pedagógico na redescoberta da informação, pensa-se nesse objeto como referência comunicativa para advertir, informar e formar, conforme o texto já vem apontando anteriormente.

Assim, reiterando-se o anteriormente citado, este objeto era utilizado em sua origem com o fim de informar e, desse modo, é possível orientar o aluno nesta direção e o desafiar a associar o conto às narrativas jornalísticas como forma de motivar uma leitura nova e investigativa.

Entende-se, nesta análise, como uma leitura nova e investigativa a ação que vai comparar um conto de fadas com uma narrativa jornalística. Tal ação tem o intuito de permitir ao leitor um processo autônomo ao apresentá-lo a um conto selecionado e pedi-lo que busque uma narrativa jornalística que se relacione com a narrativa ficcional.

Diante do exposto, o que se sugere é mostrar ao estudante que as narrativas podem se entrelaçar em uma comparação entre real e ficção, entre diferenças e semelhanças em

⁷ Palavras da autora especialmente escritas para este texto. Setembro de 2024

um trabalho investigativo que vai permitir encontrar possibilidades e motivações ao ler e investigar.

Ademais e dentro de uma extensa gama de relações estabelecidas entre as teorias, esclarece-se que a rede de imaginário social muito interessa a esta pesquisa, pois vislumbra-se o caráter imperioso e maravilhoso dos contos de fadas amalgamando-se à realidade presente no jornalismo em uma esfera pedagógica possível.

A seguir, apresenta-se a metodologia a ser utilizada a partir da trajetória a ser trilhada.

Metodologia

Os passos de uma pesquisa são os verbos
de uma história em construção.
(Kistemann, 2024)⁸

Para realização deste estudo, a abordagem metodológica escolhida foi a de Estudo de Caso, ancorada em Yin (2015) e como procedimento metodológico a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). As escolhas do método e procedimento se deram devido à pesquisa qualitativa precisar ser realizada através da análise de aspectos sociais presentes nas narrativas tanto dos contos de fadas quanto dos jornais.

Além do exposto, para consubstanciar a ideia de imaginário e sua construção no passado e no presente, a comparação entre contos e mídias epocais será feita por confrontação de fatos a partir da análise das narrativas dos dois gêneros.

Deste modo, a análise de conteúdo referida se dará a partir de um *corpus* selecionado em narrativas dos contos de Perrault (1697) e narrativas contemporâneas. Já as mídias serão pesquisadas em acervos *online* de fontes do século XVII e do século XXI.

De posse dos dados coletados, proceder-se-á à categorização dos resultados encontrados, o que demonstra como se dará a parte quantitativa da pesquisa, elencando os achados para as considerações pertinentes.

Assim, com os dados organizados, serão redigidos resultados com o intuito de destacar dos achados a tese de que os contos são um produto social da comunicação entre pares em busca de expressar situações, sentimentos, emoções e outros aspectos que, possivelmente, estejam presentes em determinada época e lugar, além de evidenciar o

⁸ Palavras da autora especialmente escritas para este texto. Setembro de 2024

possível espelhamento de fatos em ambos dispositivos, de acordo com a versão/adaptação escolhida e analisada.

A seguir, observar-se-á os resultados esperados.

Principais resultados

Ao refletir sobre os contos de fadas, particulariza-se- as análises destes textos ainda vivos e lidos, já que se encontram presentes no século XXI e intentam levar o leitor a um mundo novo, ou seja, remetê-lo a um mundo de fantasias e maravilhas que, em muitos casos, não faz parte do mundo adulto e de sua tumultuada vida e cotidiano de trabalho e falta de tempo (Crary, 2014; Han, 2015).

Dessa forma, apresenta-se então uma oportunidade de exploração pedagógica direcionada à formação leitora e de opinião ao permitir, ainda, uma exploração criativa e imaginativa do leitor.

O aprofundamento esperado vem na motivação investigativa ao propor um conto e esperar que o aluno explore os fatos nele presentes em confronto com narrativas jornalísticas reais e que possam ser lidas e interpretadas.

Sendo assim, dentro da reflexão de que possivelmente os contos se baseiem na realidade e/ou vice-versa, a análise se dará também em jornais de outrora e de hoje, com intuito de aproximar as narrativas e consubstanciar a tese de que a realidade pode ter inspirado o surgimento dos contos de fadas por alguma razão e colaborado para sua manutenção ao longo do tempo.

Diante do exposto, a leitura nova investigativa se caracteriza como oportunidade de explorar o potencial narrativo em sala de aula e desafiar o jovem leitor em sua formação com motivação além do ler por ler, mas o ler pelo conhecer, buscar e identificar a realidade além dos contos.

Conclusão: Trajetória em andamento

A pesquisa encontra-se em andamento, e, embora ainda não haja uma conclusão direta ou indireta, o objetivo central é comprovar o caráter comunicacional dos contos de fadas como potentes narrativas que não apenas refletem, mas também ensinam e dialogam

com as temáticas sociais contemporâneas. Essas narrativas, muitas vezes vistas apenas como histórias infantis, podem ser analisadas como formas de espelhamento de questões sociais e culturais que transcendem seu tempo e contexto original, encontrando paralelo nas narrativas midiáticas e jornalísticas atuais.

Os contos de fadas, ao longo da história, serviram para abordar medos, ansiedades e desafios do cotidiano de forma simbólica e metafórica. No século XVII, quando Perrault publicou suas versões de contos populares, como Chapeuzinho Vermelho, o medo do desconhecido e da violência sexual estava presente, refletindo as ansiedades da época. Da mesma forma, contos como Branca de Neve e Cinderela abordam temas como a inveja, a desigualdade social e o papel das mulheres, que, embora anacrônicos em certos aspectos, continuam a reverberar em questões atuais como padrões de beleza e a luta por reconhecimento feminino em um contexto masculino.

Em Chapeuzinho Amarelo (1979), de Chico Buarque, esse espelhamento é ainda mais evidente. Publicado durante a ditadura militar no Brasil, o livro traz uma narrativa aparentemente simples, que fala sobre o medo infantil, mas que, sob um olhar mais atento, reflete as tensões políticas da época, sugerindo uma metáfora para o medo e a repressão. O medo, na história, é personificado pelo lobo, mas é superado quando Chapeuzinho toma consciência de sua força, o que pode ser interpretado como uma alusão à resistência contra o regime opressor. O lúdico, aqui, serve como forma de resistência, transformando a leitura em um ato de empoderamento.

Já no filme desse milênio Deu a Louca na Chapeuzinho (2005), transporta, por sua vez, essa releitura para o contexto contemporâneo, subvertendo a história clássica e inserindo elementos da narrativa investigativa e cômica. Aqui, a culpa e a responsabilidade são questionadas de maneira jocosa, refletindo o caráter fragmentado e incerto da informação na sociedade atual, onde as versões de um fato se multiplicam de acordo com quem conta a história. Assim como nos contos de fadas, onde há diferentes versões e interpretações de um mesmo enredo, as narrativas jornalísticas contemporâneas também enfrentam o desafio da fragmentação da verdade, em um mundo onde as fake news e a desinformação dominam o cenário midiático.

Portanto, espera-se com a presente pesquisa demonstrar que os contos de fadas são ferramentas poderosas na construção de elos emocionais entre familiares e contadores de histórias, servindo como uma ponte não apenas para o aprendizado lúdico na infância,

mas também para o desenvolvimento de uma leitura crítica na adolescência e na vida adulta. A contação, leitura e outras fruições midiáticas desses contos permite uma interação afetiva e educativa, na qual valores, comportamentos e reflexões são transmitidos de forma simbólica, muitas vezes com mais eficácia do que através de discursos diretos. A familiaridade com esses contos desde a infância contribui para a formação de cidadãos capazes de interpretar as sutilezas de narrativas mais complexas, como as jornalísticas.

As narrativas jornalísticas, por sua vez, desempenham um papel fundamental como suporte de informação, mas, assim como os contos de fadas, precisam ser analisadas com olhar crítico. No atual cenário de abundância de notícias, muitas delas falaciosas, é necessário resgatar a função pedagógica do jornalismo, não apenas como transmissor de fatos, mas como mediador de compreensão. As histórias jornalísticas, tal como os contos de fadas, também espelham realidades sociais e moldam percepções, educando o público sobre questões complexas, como crises políticas, desigualdades sociais e fenômenos globais.

A pesquisa, portanto, busca investigar esse elo entre as narrativas tradicionais dos contos de fadas e as narrativas contemporâneas da mídia, explorando como ambas possuem um caráter pedagógico e comunicacional, seja ao ensinar lições morais implícitas nas fábulas, seja ao reportar e contextualizar eventos reais no jornalismo. Ao relacionar essas duas esferas, a pesquisa espera contribuir para uma compreensão mais profunda de como histórias – tanto as fictícias quanto às reais – continuam a ser ferramentas essenciais para a transmissão de conhecimento e para a formação de uma sociedade mais crítica e informada e cidadã.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). 2.ed. Rio de Janeiro, ed. Bertrand. Brasil, 1998.

CAMPBELL, Joseph. MOYERS, B. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1993.

CRARY, J. 24/7: **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3d. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FARIA, Fernanda Sevarolli Creston. **Chapeuzinho Vermelho e as Humanidades Digitais**: Da morte à salvação em contextos diferenciados. Disponível em: <https://siteunidavi.s3.sa-east-1.amazonaws.com/2022/8/CAMINHOS+HUMANIDADES+2022.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 1-10.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. 80 p.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 1991 (1807).

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum**: Compêndio de Sociologia Compreensiva. Tradução: Aluizio Ramos Trinta. Editora Brasiliense S.A., 1988.

PERRAULT, C. **Histoires ou Contes du temps passé, Claude Barbin**. Registrado na Comunidade de Impressores e Livreiros de Paris em 11 de janeiro de 1697. Disponível em: [Histoires ou Contes du temps passé \(1697\) /Original/Texte entier - Wikisource](#). Acesso em: 23 jul. 2024.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.